

FMI está otimista com devedores

Washington — Os países endividados poderão superar seus problemas e manter um crescimento econômico médio de 5% ao ano, nos próximos cinco anos, se aplicarem políticas adequadas, receberem apoio de seus credores e puderem aumentar suas exportações aos países industrializados, afirmou o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière.

Numa coletiva ontem na Associação dos Bancos Austríacos, em Viena, cujo texto foi distribuído em Washington, De Larosière anunciou uma mudança nas políticas do FMI, para enfatizar seu papel como catalisador de outras fontes de financiamento oficial e comercial.

Neste sentido, disse que o FMI tentará manter a confiança dos investidores internacionais nos países devedores, com a garantia de que estes seguem políticas apropriadas mesmo que não estejam sujeitos a programas de ajuste acordados com o Fundo. Isso será feito mediante o procedimento de "supervisão intensificada", que já demonstrou sua utilidade facilitando a reestruturação plurianual da dívida dos países que não têm programas com o FMI, acrescen-

tou.

Explicou que o procedimento está sendo aplicado em alguns países que colocaram em prática seu próprio programa de ajustes (como a Venezuela e a Colômbia), onde o FMI realiza consultas freqüentes, a pedido dos governos, para facilitar suas relações com os bancos comerciais internacionais.

De Larosière negou que as medidas preconizadas pelo FMI sejam recessivas e afirmou que, ao contrário, tendem a permitir que os países endividados melhorem suas imagens mediante um crescimento estável.

Destacou que os 34 países que seguiram programas de ajuste acordados com o Fundo em 1984 "atingiram crescimento moderadamente bom", após retrocessos nos dois anos anteriores e prognosticou que em 1985 suas economias continuarão crescendo.

Advertiu, no entanto, que esse desenvolvimento favorável não admite complacências, pois persiste a necessidade de manter os esforços de ajuste para consolidar a recuperação iniciada no ano passado. Realçou que, apesar de as últimas reestruturações plurianuais terem representado um alívio, a carga

de serviço da dívida externa nos países em desenvolvimento continua sendo muito alta, na média de 22,5% do valor de suas exportações em 1984.

Embora reconhecendo que persistem as desigualdades e que alguns países fortemente endividados continuam enfrentando graves problemas, De Larosière disse que o conjunto dos países em desenvolvimento "parece ter superado o ponto crítico" ao estabilizar o déficit agregado da conta corrente "a um nível que deveria ser financeirável com investimentos e empréstimos manejáveis".

Enfatizou, no entanto, que é indispensável fazer retroceder o protecionismo nos países industrializados, reativar os investimentos e manter um fluxo adequado de financiamento comercial para o Terceiro Mundo. Assinalou ainda o fracasso de alguns países em desenvolvimento para conter a inflação como "um dos aspectos mais perturbadores" da atual fase e afirmou que ações insuficientes neste sentido conduzem apenas a "maiores distorções, menores investimentos, mais desemprego e evasão continua da poupança doméstica ao exterior".